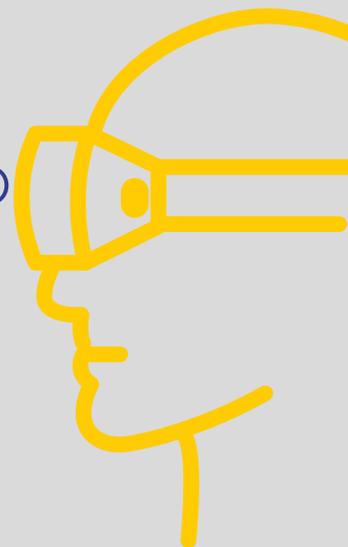


ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ON-LINE: DESAFIOS QUE A COVID-19 CONVIDA A TRANSPOR NA CLÍNICA PSICANALÍTICA



1 Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Avantis – UNIAVAN. E-mail: laurasalek@gmail.com.

Laura Salek Gouveia¹

Anna Maria Dalmonico Moser²

2 Psicóloga, Mestre em Educação e docente do Centro Universitário Avantis – UNIAVAN. E-mail: anna.moser@uniavan.edu.br.

RESUMO

Observa-se no momento atual a pandemia da COVID-19 que, em virtude da alta transmissibilidade desse vírus, obrigou a maior parte das pessoas a manterem-se em isolamento social por um período longo. Um fenômeno com tal proporção e consequências não deve ter sido vivido anteriormente pela maioria da população que se viu de um momento para o outro a reformular suas formas de viver e atuar nos diversos setores da vida. A internet, assim como todos os meios de comunicação passaram a ser de extrema importância e poderosa ferramenta na tentativa de reproduzirem atividades antes praticadas presencialmente. Entre estes fazeres pode-se destacar o do psicólogo e da psicanálise, em particular. Pretende-se neste trabalho observar as possibilidades destes fazeres e suas possíveis contribuições neste momento singular que se faz presente. Identificam-se, a psicologia e a psicanálise, como estratégias que passaram e, ainda passam, por mudanças, e que se caracterizam como fazeres essenciais nos cuidados com a saúde mental em tempos de pandemia e da era digital.

Palavras-chave: Mídias sociais. Psicanálise. Psicologia. Virtualidade. Tecnologia.



EDITORA
AVANTIS



ON-LINE PSYCHOLOGICAL SERVICE: CHALLENGES THAT COVID-19 INVITES TO TRANSPORT IN THE PSYCHOANALYTIC CLINIC

ABSTRACT

Currently, the COVID-19 pandemic is observed, which, due to the high transmissibility of this virus, forced most people to remain in social isolation for a long period. A phenomenon with such proportions and consequences must not have been experienced previously by the majority of the population, who saw themselves from one moment to the next to reshape their ways of living and acting in different sectors of life. The internet, as well as all media, has become extremely important and a powerful tool in an attempt to reproduce activities previously practiced in person. Among these actions, the psychologist and psychoanalysis in particular can be highlighted. It is intended in this work to observe the possibilities of these actions and their possible contributions in this singular moment that is present. Psychology and psychoanalysis are identified, as they evolve and still undergo changes, and which are characterized as essential actions in mental health care in times of pandemic and the digital age.

Keywords: *Social media. Psychoanalysis. Psychology. Virtuality. Technology.*

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia avança de modo rápido e constante modificando os hábitos e formas do sujeito atuar em sociedade, desta forma, a Psicologia enquanto ciência, deve buscar acompanhar o que se apresenta como fenômeno.

Diante dos desafios impostos pela crise mundial surgida a partir da COVID-19, e do imperativo do isolamento social como forma de prevenção, muitos profissionais da área de saúde se viram sob a necessidade de não mais postergar a possibilidade de atendimento aos pacientes de forma on-line.

Segundo Belo (2020), a forma de atendimento à distância já se dá há algum tempo apesar da urgência atual em conhecer e realizar atendimento psicológico na modalidade on-line, tendo como meio possível a internet. Este autor lembra os atendimentos realizados por Sigmund Freud de forma epistolar, como podemos

observar no exemplo da “Análise da fobia de um garoto de cinco anos” (FREUD, 1909/2015), que atende presencialmente a criança uma vez, estabelecendo as linhas gerais do tratamento por meio de cartas. Belo (2020) informa as contingências no final do século XIX onde encontros presenciais eram raros e custosos e os meios de transporte de longas distâncias não eram acessíveis à grande parte das pessoas.

Segundo o CVV (Centro de Valorização da Vida, 2020), desde 1962 a instituição presta serviço voluntário gratuito de apoio emocional as pessoas que precisam conversar com a finalidade de prevenir o suicídio, e segundo Belo (2020), esta foi uma das primeiras iniciativas de atendimento virtual no Brasil, a princípio por telefone e, atualmente, por *chat*, *e-mail*, e mídias digitais. Mesmo que o atendimento prestado pelo CVV não se enquadre como atendimento psicológico, por não ser exercida por psicólogos, mas por voluntários treinados e qualificados, leva-se em consideração a experiência de anos de atendimento as pessoas em sofrimento psíquico por meios variados que não apenas presencial.

O atendimento psicológico on-line é uma prática recente no Brasil, tendo a Resolução 012/2005 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005) regulamentado o uso da internet nos serviços psicológicos e, mais recentemente, a Resolução 11 de 11 de maio de 2018 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018) alterado e ampliado as formas como podem ser inseridos os usos da comunicação por dados aos atendimentos por psicólogos. Com o imperativo surgido a partir da COVID-19 muitos profissionais que ainda não utilizavam estes meios como forma de prestação de serviço se viram diante da impossibilidade de atenderem seus pacientes precisando se aliar à tecnologia para darem conta da demanda que se fez presente.

O presente artigo tem como objetivo contribuir e levar a olhar às possibilidades que a clínica psicanalítica realizada à distância através da tecnologia pode trazer. Para tanto, os objetivos específicos foram identificar o percurso da era digital na psicologia e pensar a relação da psicanálise com essa era digital.

Belo (2020) realiza um levantamento de pontos importantes a serem considerados quanto ao profissional de saúde mental que pretende atender seus pacientes virtualmente no que se refere a pontos como sigilo, privacidade, local, segurança, cobrança das sessões, entre outros.

A internet já aparece como realidade na vida de grande parte da população há décadas, e nos últimos anos inserida em hábitos triviais do cotidiano, não devendo ser preterida das práticas que visem atender às necessidades de saúde, já que muitos

adolescentes e jovens adultos que procuram atendimento psicológico já nasceram em uma época em que a tecnologia se imiscui na cultura, nas trocas com o outro, nas formas de aprendizado e como se relacionam em todos os meios.

2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

O presente artigo é de natureza básica, abordagem qualitativa, objetivo exploratório e procedimento técnico de pesquisa a bibliográfica. As pesquisas exploratórias têm a intenção de ampliar conhecimento, principalmente diante de uma área pouco explorada (GIL, 2002)

A pesquisa bibliográfica é construída a partir de materiais já publicados, dessa forma, o pesquisador entra em contato direto com o que já foi produzido a área em questão. Faz-se um levantamento dos materiais bibliográficos, uma leitura preliminar para seleção dos que mais se aproximam da temática, fichamento, para uma organização lógica do assunto e então, a construção do artigo científico (PRODANOV; FEIRTAS, 2013).

Os materiais selecionados para a presente pesquisa bibliográfica foram livros técnicos e clássicos da área da psicologia e psicanálise, além de artigos científicos dos últimos 6 anos acessados via plataformas de buscas e também e também resoluções do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

A análise desse material foi feita através da leitura minuciosa de cada um dos artigos e livros selecionados, associando as produções com os objetivos deste artigo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A ERA DIGITAL NA PSICOLOGIA

A tecnologia da informação permitiu avanços em diversas áreas sendo as ciências aquelas que recebem enorme contribuição no desenvolvimento para atividades realizadas na sociedade.

Para Figueiredo (2015), uma das mais marcantes mudanças sociais entre os séculos XX e XXI está no advento no que tange ao uso das tecnologias emergentes

na cultura e no cotidiano das pessoas. Louro et al (2019) ressalta que os avanços tecnológicos dos últimos tempos apresentam impactos ainda mais acentuados na vida dos jovens que tendo nascido na era digital, sempre se habituaram a terem suas vidas midiadas por diversos dispositivos eletrônicos e pelo uso das redes sociais.

Segundo Siegmund e Lisboa (2015), há alguns anos, os atendimentos psicológicos on-line representavam prática ainda pouco explorada no Brasil, mas que precisa ser revista e estudada, considerados pontos positivos e negativos, para que de forma adequada, possam gerar o desenvolvimento de práticas seguras e bem pautadas na ciência, diminuindo o distanciamento da Psicologia com as novas formas de comunicação.

Deste modo obtemos em Belo (2020) um levantamento de pontos importantes a serem considerados quando pretende-se atender virtualmente e faz observação em relação ao sigilo. Para tal faz-se necessário que analista e analisando façam uso de ferramentas de segurança em tecnologias de informação que garantam alguma proteção em relação ao conteúdo relatado. Ainda no que tange ao sigilo, o autor informa que um dos problemas encontrados diz respeito à privacidade no momento do atendimento e leva em consideração que, no contexto atual da pandemia de COVID-19, muitas pessoas encontram-se em suas casas em companhia da família, sendo comum a interferência de filhos ou outros membros no momento da sessão. Belo (2020) ressalta que é comum que conteúdos emitidos pelo sujeito façam menção aos familiares e sua relação com os mesmos. Neste momento, devido ao caráter de emergência que se instituíram muitos atendimentos pode não ser viável um espaço reservado e isento de distrações, mas faz-se necessário pensar neste ponto quando levantada a hipótese de atendimento virtual de forma continuada.

O mesmo autor ainda ressalta que outro fator importante diz respeito à qualidade da rede de dados disponível na área de abrangência tanto do psicólogo quando do cliente, pois falhas, travamentos ou queda na comunicação são comuns e fazem com que parte do conteúdo do relato seja perdido, além de poderem gerar no analisando insegurança e sensação de não estar sendo escutado, devendo o analista manter-se ativo e atento dando-lhe informes que o façam saber que está sendo ouvido.

Belo (2020) observa ainda que o atendimento on-line pode ser um problema quando o psicólogo esteja tão distante geograficamente a ponto de não conhecer a rede assistencial e de referência em saúde para o cuidado ampliado ante outras necessidades de atendimento. O autor afirma que o psicólogo, quando se encontra em

cidade próxima ao cliente pode instruí-lo ou indicá-lo a outros profissionais, como nos casos que precisam de cuidados por equipes multidisciplinares.

Apesar dos desafios impostos pela comunicação via internet, Belo (2020) resalta que há casos em que esta forma de contato garante a continuidade no atendimento às pessoas em situação de isolamento, imobilidade, dependência física, que tenham mudado de país ou não tenham domínio com o novo idioma. O autor acrescenta que o tempo que se gasta para o deslocamento nas grandes metrópoles contribui de forma a levar as pessoas a interromperem o tratamento psicológico e que na atualidade, apesar dos avanços que permitem o deslocamento a lugares distantes, o trânsito torna difícil e custoso para muitas pessoas se dedicarem com continuidade.

Belo (2020) lembra que usar os dispositivos que estão ao alcance do psicólogo, sendo a tecnologia uma delas, é uma forma de permitir que pessoas que estão longe dos grandes centros recebam a ajuda necessária, sendo esta uma forma de cuidado que pode inclusive salvar vidas.

Siqueira e Russo (2018) estimam que 75% das pessoas que requerem tratamento para transtornos mentais não são atendidas, sendo um dos argumentos para a utilização de psicoterapia on-line, além da redução dos custos, a diminuição do preconceito social.

Importante ressaltar que o psicólogo que se disponha a prestar serviços psicológicos por meio de tecnologias da informação, deverá conhecer e seguir o observado na Resolução nº. 11 de 11 de maio de 2018 do Conselho Federal de Psicologia (2018). Para Siqueira e Russo (2018), a tendência da prática anteceder a regulamentação se dá também no campo da Psicologia on-line, onde a experiência relativamente recente em comunicação por computadores reorganizou os modos do saber e redefiniu as fronteiras entre o público e o privado.

Belo (2020) reitera que o profissional que use a internet e meios digitais deve se dispor a conhecer os meios para o uso desta, sendo imperioso que antes do início da análise sejam feitos combinados, assim como o são nos atendimentos presenciais, mas que contemplem fatores pertinentes ao contato virtual, tais como o horário específico para o atendimento e o tempo de sessão. Este autor informa ser comum em atendimentos on-line que o cliente entenda que há maior flexibilidade, podendo se utilizar com mais frequência de mensagens por *whatsapp* ou mensagens fora da hora marcada. Em tais casos, o autor instrui que se deve levar para a sessão tais demandas. Outro ponto levantado é no que diz respeito ao início da cha-

mada que compara como a chegada do cliente ao consultório.

Sobre a metapsicologia da distância, Belo (2020) utiliza o exemplo das antigas cartas apaixonadas endereçadas pelos amantes para que se possam metaforizar que, mesmo diante da distância, podem se mobilizar os afetos, sendo quanto mais ausente o objeto, mas fantasias possam lhe ser endereçadas, ressaltando com preocupação a enorme presença dos discursos de ódio presentes nas redes sociais, garantindo ao sujeito que ofende, mesmo à distância, atingir o ofendido.

Nesse contexto, a título de exemplificação, apresentam-se estudos como o de Louro et al (2019) sobre a automutilação digital ou *self-injury*, comportamento agressivo autodirigido e intencional que aparece mais frequentemente entre adolescentes que, utilizando-se das redes sociais enviam publicamente de forma anônima ou por perfis falsos, fotos e mensagens hostis a si próprios.

A presença de relatos sobre práticas autolesivas fazem-se observar na clínica presencial por Andrioli (2014), em que o sujeito encontra prazer na dor que causa à própria pele através de cortes, arranhões, queimaduras, que se tornam visíveis aos pais, educadores e amigos. Este mesmo autor, acrescenta que nestas práticas o sujeito realiza um endereçamento a alguém e o desejo de ter o olhar do outro sobre si. Tais práticas chamam a atenção pela agressividade que se volta ao próprio corpo e suas consequências e diante da proximidade com relatos do desejo de aniquilamento da vida. Segundo Figueiredo (2015), pode-se constatar similaridade entre a automutilação digital e as marcas corporais autolesivas onde os sujeitos relatam sentimentos de frustração, desvalorização, rejeição ou desejo de reconhecimento, atenção e apoio. Desta forma, pode-se destacar que mesmo as práticas que usam o próprio corpo como objeto da pulsão podem ser simuladas virtualmente, convidando profissionais da área da saúde mental a reformularem conceitos e possibilidades de atuação.

Assim como os espaços on-line podem ser usados para obtenção de apoio, companhia e compreensão, adicionam Louro et al (2019) que estes lugares virtuais são utilizados como espaços sociais onde podem-se encontrar agressão e hostilidade. A atuação de psicólogos como mediadores em grupos específicos nas redes sociais surge como possibilidade a fim de permitir a fala e trabalhar conteúdos junto aos seus integrantes.

Em Psicologia podem-se observar cada vez mais estudos que tratam do uso excessivo e dos possíveis prejuízos da tecnologia digital, entretanto como nos tra-

zem Siegmund e Lisboa (2015), deve-se atentar ao fato de que não nos preparamos devidamente para lidar com mudanças tão impactantes nas formas de uso da internet, investindo em pesquisas a fim de aprofundar a compreensão deste fenômeno e entender minimamente as influências no modo de ver e viver em sociedade. Como pode-se constatar, os meios digitais estão se tornando cada dia mais utilizados pelas pessoas, integrando-se no modo de vida e nas atividades mais simples e cotidianas.

Conforme Figueiredo (2015), não se pode negar a importância e possibilidades que a internet pode oferecer em múltiplos contextos, devendo à Psicologia se manter em posição de permanentes estudos nessa área emergente o que se faz primordial para a formulação de políticas que contribuam minimizando impactos e sensibilizando comunidades educativas a manterem-se em passo com as constantes mudanças nas suas formas de manifestação.

3.2 AS PRÁTICAS PSICANALÍTICAS E A RELAÇÃO POSSÍVEL COM A ERA DIGITAL

Nas práticas que tangem à Psicanálise, Belo (2020) inicia com a questão do pagamento, considerando que o uso do papel moeda representa simbolicamente o valor da análise e que o pagamento por transferência bancária pode gerar a sensação de que não se está gastando, mas que ainda assim, o dinheiro continuará sendo um objeto libidinal, mesmo quando virtualizado.

No que diz respeito à supervisão, Belo (2020) destaca que existem diversos recursos para a educação à distância que podem dar suporte à supervisão on-line, sendo no campo psicanalítico aprender remonta à pulsão de saber, ou seja, ao desejo do sujeito para com o objeto e sendo cada analista responsável também pelo seu processo de formação e lembra que no Brasil há enorme pluralidade de centros de formação sem que haja um Conselho ou órgão regulador ou fiscalizador.

Belo (2020) esclarece que a conversa na análise não é um bate-papo ante à assimetria entre os que conversam e que no conjunto do que se constitui uma análise estão a remuneração, o horário e o espaço, sendo este último importante campo de debates dentro da Psicanálise. Belo (2020) informa autores diversos que trazem a perspectiva de que a análise on-line seria menor, impura e marcada pela insuficiência, devendo-se manter os atendimentos presenciais sempre que possível. No entanto,

defende o pensamento de solidariedade e desejo de acolhimento genuíno que devem pautar a prática do analista, sendo a efetividade do método psicanalítico existir numa técnica que não se podem ritualizar ou operacionalizar por manuais técnicos, sintetizando que a virtualização deste *setting* vai exigir do analista a idealização desta prática e a depuração da técnica e da ética do como fazer que sustenta a escuta.

Siqueira e Russo (2018) ponderam quanto à substituição da experiência presencial na psicanálise devido à possibilidade de alteração na percepção de si próprio e do outro. Os autores fazem ressalvas no que diz respeito ao tempo que se apresenta de forma diferencial tanto na escrita quanto na fala presencial e virtualmente, sendo as abordagens que valorizam as relações interpessoais ou transferência, as que mais sofrem com estas restrições.

Belo (2020, p. 78) propõe que o lugar onde ocorre a situação analítica não precisa ser necessariamente o presencial, exemplificando as ações que devem se manter:

[...] primeiro, recusa da intervenção adaptativa, manipulação ou conselho; segundo, recusa do saber e recusar-se a saber, isto é, não dar respostas ao analisando, não se colocar na posição ideal; terceiro, recusa de sair da posição de analista e oferecer-se como amigo, parceiro sexual, parceiro comercial, etc

O autor supra citado acrescenta que um dos campos fundamentais de pesquisa sobre a análise virtual é no que diz respeito à contratransferência. O analista é sujeito de desejo no campo político e deve buscar a neutralidade, através da atenção flutuante, nos campos que se façam presentes no seu tempo. Dessa forma, dependerá do desejo do analista para que este apresente interesse em conhecer as ferramentas tecnológicas que se façam úteis no seu fazer. Belo (2020) levanta a hipótese de que analistas mais jovens podem apresentar maior interesse nessa forma de atuação por utilizarem a internet desde cedo, porém ressalta que a adesão à essa forma de comunicação deve partir do profissional.

Siqueira e Russo (2018) acrescentam que em práticas psicoterápicas foram observadas redução da capacidade de observação da linguagem corporal, dificuldade em discernir as entrelinhas da comunicação não verbal, preocupações com a manutenção da conexão e em relação à confiabilidade e privacidade nas comunicações.

Belo (2020) contribui ainda que a presença física entre analista e analisando traz elementos sexuais como o cheiro, o cumprimento, o olhar e até mesmo objetos que são específicos a esse ambiente e que, muitas vezes, são compostos desta

maneira para produzirem sensação de acolhimento. Na análise virtual todos esses elementos somem ou, pelo menos, se distanciam da cena. Entretanto, ressalta que o sexual para a psicanálise apresenta sentido ampliado e este estará sempre presente mesmo nas relações virtuais, visto se derivar de toda excitação do outro, que são veiculadas em mensagens enigmáticas. Belo (2020) acrescenta que este enigma sexual é o que está posto como condição de subjetivação pela psicanálise e que aparece na situação analítica.

Na situação atual em que a maioria da população brasileira se encontra em isolamento social e sob o medo natural de ameaça à vida devido à COVID-19, a prática da Psicologia se faz mais necessária e precisa estar presente como recurso de cuidado à saúde mental das pessoas, não devendo dar às costas às formas que possibilitam que esse cuidado chegue a mais sujeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pode-se obter nas considerações de Belo (2020) ainda serão necessários tempo e pesquisas para que se chegue a conclusões mais efetivas sobre a prática psicológica em conjunto com as tecnologias da informação.

No Brasil, enquanto há enorme velocidade no avanço tecnológico, observa-se alguma lentidão na elaboração de leis que contemplem as práticas que envolvam o uso dos meios digitais. De semelhante forma ocorre nas áreas da educação e saúde, dando-nos a impressão de nem sempre empreenderem com mesma rapidez com que a tecnologia se desenvolve e se torna cada dia mais disponível à população. Necessário se faz um esforço das ciências sociais e de saúde por acompanharem a demanda por estudos e experiências no que se faz relativo ao que já se pratica comumente entre as pessoas. Como exemplo podem-se observar os adolescentes que fazendo uso constante desta tecnologia, muitas vezes as dominam com mais propriedade que os adultos.

À psicanálise sempre se impôs o desafio de resistir, diante de todas as mudanças sociais que foram acontecendo desde o seu surgimento. Desafio esse que vem sendo cumprido com êxito, muito graças aos seus fundamentos fortes, que suportam questionamentos e sustentam transformações necessárias. Assim também está acontecendo com a entrada da tecnologia no *setting* analítico. Propomos aqui uma

nova lógica, não se trata da psicanálise adentrar às tecnologias e perder a sua essência nas relações apressadas da era digital, mas se acredita na possibilidade de a psicanálise poder incorporar as tecnologias como um elemento na relação analista/ analisando que também pode passar a ser objeto da análise ou que possibilite a entrada em análise à sujeitos impossibilitados por diversos motivos.

Ao olharmos psicólogos/psicólogas e psicanalistas atualizando as suas práticas, vemos profissionais comprometidos com a saúde mental, independentemente da forma que essa prática tenha que assumir.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, P. **O corpo na adolescência**. 2014, 39 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, 2014. 39 p.

BELO, F. **Clínica Psicanalítica on-line**: breves apontamentos sobre atendimento virtual. São Paulo: Zagodoni, 2020. 108 p.

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA (São Paulo). **O CVV**. 2020. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/o-cvv/>. Acesso em: 09 set. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução 012/2005, de 18 de agosto de 2005**. Regulamenta o atendimento psicoterapêutico e outros serviços psicológicos mediados por computador e revoga a Resolução CFP N°003/2000. São Paulo, 2005. Disponível em: https://cadastro.site.cfp.org.br/docs/resolucao2005_12.pdf. Acesso em: 18. Nov. 2020

_____. **Resolução nº 11, de 11 de maio de 2018**. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012. São Paulo. 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>. Acesso em: 09 set. 2020.

FIGUEIREDO, F. Redes Sociais: um suporte para a prática do cyberbullying. **Educação, Sociedade e Cultura**, Coimbra, n.44, p.107-129, out. 2015.

FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1909/2015. (Vol.8)

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

LOURO, C. *et al.* Auto-mutilação digital: um estudo exploratório com universitários portugueses. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 15-30, dez. 2019.

Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/877>. Acesso em: 14 set. 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SIEGMUND, G.; LISBOA, C. Orientação Psicológica On-line: percepção dos profissionais sobre a relação com os Clientes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 168-181, jan. 2015.

SIQUEIRA, C.; RUSSO, M. **Psicoterapia On-line: ética, segurança e evidências científicas sobre práticas clínicas mediadas por tecnologias**. São Paulo: Zagodoni, 2018. 128 p.